



DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

Sabrina Siqueira¹
André Vieira Soares²

RESUMO

Às Avezas, romance de Huysmans de 1884, foi considerado a bíblia do Decadentismo francês, corrente literária que se opôs ao Naturalismo e criticou a burguesia. A proposta do romance era chocar e contrariar toda ordem vigente, na vida e na arte. Para tanto, Huysmans lançou mão de uma narrativa inovadora e deu vida a um protagonista, des Esseintes, de gostos refinados e adepto da experimentação sinestésica, um perfeito dândi parisiense maculado pela nevrose e pelo tédio.

Palavras-chave: Decadentismo; dândi; nevrose; tédio; Huysmans; Às Avezas.

INTRODUÇÃO

Simbolismo e Decadentismo são dois movimentos literários e artísticos semelhantes, que se opõem ao Naturalismo e representam a continuação do Romantismo do século XIX, sendo que o Simbolismo se expressou principalmente na poesia e o Decadentismo na prosa. Este artigo propõe uma análise do Decadentismo, ou anti-conformismo extremo, na obra *Às Avezas*, de J.K. Huysmans, considerada a bíblia desse estilo literário.

O Decadentismo começa a ser percebido em fins do século XIX, refletindo sobre temas como a depressão e o tédio, que costumam envolver um período transitório, como o de uma mudança de século, oposição à burguesia e também ao povo, individualismo e, principalmente, estética. Os literatos do Decadentismo se negam a colocar em cena as prerrogativas dos pobres e miseráveis, e não falam do coletivo. Analisar o tipo humano marginalizado e o comportamento da massa da sociedade era característica do Naturalismo, movimento ao qual o Decadentismo se opunha. A prosa do Decadentismo, em contrapartida, se interessa por casos individuais, principalmente por representantes da aristocracia que sejam apreciadores de arte - estetas excêntricos e ricos. O mal do século (tédio - *spleen*) é retomado de forma mais intelectualizada no final do século XIX. Diferente do mal depressivo que assolou os românticos do final do século XVIII, o tédio do Decadentismo caracterizou-se por uma inadaptação àquele momento, acompanhado da ideia de isolar-se sobre si mesmo e deixar de participar da sociedade, por achar que esta não mais valia a pena. Diferentemente do romântico, o decadentista não é um revolucionário, não propõe mudanças sociais, mas acredita que não há solução nem

¹Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil(2007) Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil(2014).

²Doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense, Brasil(2005), Pós-doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil(2011). Professor da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

perspectiva de um futuro melhor ou possibilidade de mudança de vida em uma sociedade destituída de valores sociais e estéticos. Assim, os decadentistas buscam refúgio no isolamento e em todas as formas de arte.

Foi no final do século XIX que o termo “apocalipse” ganhou o significado de “final do mundo”, mas um fim do mundo que anuncia uma novidade. O par fim/novo é onipresente nos discursos sobre arte dos últimos 20 anos do século XIX. Era característica dos artistas da época não se filiar a esta ou aquela escola, não carregar rótulos. O Decadentismo se expressa contra as escolas vigentes (Parnasiana e Naturalista), contra o academismo poético e contra a brutalidade que, em nome do cientificismo, se apossara da literatura narrativa. Com o Naturalismo, a enunciação do “eu” pessoal, que renascera com o Romantismo, eclipsara-se mais uma vez. Decadentismo e Simbolismo foi um modo de viver a arte em ruptura com o estilo de vida burguês, recusando toda e qualquer justificação social da arte e do artista. O romance tipicamente burguês possui narrativa de fácil entendimento. O que veremos em *Às Avestas* é uma narrativa contaminada pela “nevrose estética” e empenhada na fuga da mediocridade burguesa. Na abertura da edição brasileira de 1987, o tradutor José Paulo Paes coloca: “Em mais de uma passagem de *Às Avestas*, o protagonista dá vazão a irados sentimentos anti-burgueses, investindo contra o positivismo da III República francesa, o sufrágio universal e a instrução laica...” (Huysmans, 1987, p. 15).

O protagonista de *Às Avestas*, des Esseintes, segue todos os ideais do Decadentismo. Ele encarna a figura do dândi, ou esteta excêntrico que está entediado no meio em que vive, que já explorou profundamente todas as formas de prazer disponíveis na sociedade da época, e prefere se isolar em meio a uma coletânea de obras de arte que lhe inspiram melhores sensações. Possui gosto refinado e recursos financeiros abundantes para poder viver suas excentricidades. Viver de rendas, aliás, era o ideal dos literatos do Decadentismo e, claro, de suas personagens. Trabalhar para ganhar dinheiro era atitude desprezada, condizente com a burguesia.

Des Esseintes admira ornamentos artificiais e pedrarias, em contrapartida à beleza natural. No que tange à natureza, interessa-se apenas por plantas exóticas, mas logo se entedia com os cuidados que essas demandam. Muito distante da figura moralmente correto dos heróis de romances convencionais, e ainda afastado dos ideais do Naturalismo, em que as patologias são determinadas e explicadas pela influência do meio, é um anti-herói que aposta e incentiva os vícios da sociedade, interferindo sempre que possível para criar tipos degradados e conflitos por capricho e diversão.

O mal que atingia a intelectualidade e os amantes da vida boêmia no fim do século XIX era, principalmente, a sífilis, doença sexualmente transmissível e bastante contagiosa. Tendo em vista o passado boêmio de des Esseintes e sua curiosidade por viver novas experiências sexuais, pode-se depreender que estaria acometido do mal daquele século. Outra moléstia comum à época era a extrema fraqueza dos nervos, ou nevrose. Essa é bastante presente na rotina solitária do protagonista.

A obra faz jus ao título (do original em francês, *A Rebours*) e é às avessas em absolutamente tudo. Não existe trama, enredo, intriga e, se chamamos a des Esseintes de protagonista, não se pode dizer que existam antagonistas ou personagens secundárias. Os demais elementos humanos que aparecem na narrativa são frutos de suas reminiscências, não chegando a figurar em nenhuma ação presente ao período narrado da vida de des Esseintes. Além dos empregados, do médico que o atende no final, de entregadores e

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

funcionários, todas as outras figuras humanas fazem parte do passado de des Esseintes e são ativadas por suas memórias.

No prefácio escrito vinte anos após a primeira publicação de *Às Avestas*, em 1884, Huysmans afirma que a obra se desenvolveu sem um plano inicial. Não foi escrita com o intuito de ser um manifesto do Decadentismo, mas é considerado um catálogo de sensações e obras de arte. O autor, que nascera Charles-Marie-George, em Paris, e adotara como nome literário Joris-Karl Huysmans, fizera parte da corrente literária que analisava o tipo humano mediano, suas mazelas e degrados, o Naturalismo, e fora um dos discípulos mais dedicados de Zola, a quem teria surpreendido e decepcionado com a publicação de *Às Avestas*, por romper com tudo aquilo que a escola postulava. Na contracorrente do que se refere à estrutura narrativa, moralidade e padrão estético dominantes na época, *Às Avestas* “inaugura um novo caminho na literatura que leva em linha direta ao romance experimental do século XX”.

O romance não é autobiográfico, mas algumas semelhanças entre o duque Jean des Esseintes e o autor J. K. Huysmans podem ser observadas, como o apreço pelas artes e o aborrecimento com a burguesia mediana. Se des Esseintes provém de origem nobre, Huysmans é descendente de uma linhagem de artistas, principalmente pintores. Mas enquanto Huysmans trabalhou como funcionário público e crítico de artes plásticas, des Esseintes era o dândi que vivia de rendas, de acordo com o ideal da intelectualidade do Decadentismo.

A fortuna e a boa educação em colégio de jesuítas foram as heranças positivas da família do protagonista. De resto, guardavam dos pais recordações de frieza e abandono. O pai, sempre viajando e distante, mesmo quando se fazia presente. A mãe, catatônica, doente, depressiva e envolta na penumbra do quarto, porque a luz lhe provocava crise de nervos. Do seu nome, des Esseintes, depreende-se algo como “de essências”, e a busca pelo “eu essencial”, busca pela resposta de “quem sou eu”, que é uma constante para o protagonista. Sobre os gostos do protagonista de *Às Avestas*, de todas as formas de literatura, preferia o poema em prosa. E em questão de música, gostava da monástica da Idade Média.

Paes define o protagonista como o mais distante possível da “média das pessoas”, e afirma que, hoje, ele estaria definitivamente incorporado, ao lado de D. Quixote, Tristram Shandy, Mme. Bovary e outros, à galeria dos grandes personagens da literatura. Entre os artistas que inspiram des Esseintes (entre os quais Poe, Mallarmé e Monroe), é grande a influência do poeta francês Baudelaire, autor de *Flores do Mal*.

A par da excentricidade dos seus hábitos de vida e dos seus gostos artísticos, o tédio, o *spleen* baudelaireano, é outro dos traços marcantes da singularíssima pessoa do herói criado por Huysmans como polêmica contrapartida à tirania do termo médio cultuado pelos naturalistas da escola de Zola. (...) Para fugir do tédio, des Esseintes se vê forçado a refinar cada vez mais seus prazeres (HUYSMANS, 1987, p. 10).

E é uma descrição pormenorizada do progresso desse refinamento de prazeres o que temos ao longo dos dezessete capítulos de *Às Avestas*, em que a educação dos sentidos é “fundamentada na exploração da sinestesia” (p. 10), ou seja, na transposição dos sentidos com o intuito de refinar as sensações. Exemplo é a descrição do “órgão-de-boca”, presente no capítulo IV, em que o protagonista inventa este instrumento para transferir sensações musicais ao paladar. “À ioga do refinamento dos sentidos

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

compendiada em *Às Avestas* não falta uma dimensão ética, de índole crítica. (...) Não o move nenhuma urgência de instinto; é tudo capricho da inteligência” (Huysmans, 1987, p. 11 e 12). Os capítulos são intercambiáveis, podendo ser lidos em qualquer ordem sem prejuízo do entendimento, pois se tratam de relatos desencadeados pela memória de des Esseintes, e não de uma narrativa que siga um enredo linear. Falando sobre Edgar Allan Poe, refere-se ao escritor como mestre da indução, profundo e estranho.

Mais do que qualquer outro este era talvez o escritor que correspondia, por afinidades íntimas, às postulações meditativas de des Esseintes.

Se Baudelaire havia decifrado nos hieróglifos da alma a idade crítica dos sentimentos e das ideias, Edgar Poe, na senda da psicologia mórbida, esquadrihara mais particularmente o domínio da vontade (HUYSMANS, 1987, p. 222).

A narrativa inicia com o único capítulo nomeado: *Notícia*. Este nos traz informações sobre as origens de des Esseintes e sua infância. “... os des Esseintes, durante dois séculos, casaram seus filhos entre si, exaurindo-lhes o resto de vigor em uniões consanguíneas” (Huysmans, 1987, p. 32). Isto explicaria a fraqueza nevrálgica do duque. Mas é uma fraqueza apenas do corpo físico, já que des Esseintes possui inteligência aguçada e espírito penetrante como dificilmente se encontraria em outra criatura. Nesta fase da narrativa, o protagonista ainda é um exibicionista. Ficamos sabendo como o tédio e o desinteresse pela convivência em sociedade foi tomando forma em sua vida: “Seu desprezo pela humanidade aumentou; compreendeu enfim que o mundo se compõe, na maior parte, de sacripantas e imbecis. (...) Por mais que tentasse, um tédio imenso o oprimia” (p. 36 e 37).

Entediado e doente, ele pensa em “afastar-se para longe do mundo, de fechar-se num retiro”. Nessa fase, ele já não se interessa em mostrar-se para os outros e refugia-se em uma casa afastada do centro de Paris, à qual ele empreende uma reforma para dotar-lhe do mais alto luxo e conforto. O local escolhido é Fontenay-aux-Roses, vilarejo real em que Huysmans tratou um surto de nevralgia. Também o casarão em que o protagonista morou com a família durante a infância existia realmente e era do conhecimento do escritor: trata-se do castelo de Lourps. Com o isolamento, ele se volta para uma vida dedicada à estética. Vive em um claustro luxuoso e excêntrico, com suas obras eleitas de pintura e literatura, em ambientes ostensivamente decorados, e mantém a casa em uma rígida ordem que só é possível a um herdeiro abastado. Suas necessidades diárias são providas por um casal de criados, que se adaptam às suas regras e sandices. Quando se muda para Fontenay, des Esseintes não renuncia à felicidade e ao prazer. O que acontece é que não encontra mais essa felicidade no mundo real, apenas nas artes, que não faz questão de dividir com absolutamente ninguém. O dândi se basta, desde que cercado de luxo.

A natureza em si não é interessante. Para o Decadentismo, somente a arte torna o natural agradável. Há uma preferência pelo artificial, principalmente no que tange à decoração. A recusa da natureza acontece porque esta é vista como malévola. No capítulo IV, des Esseintes manda incrustar pedras preciosas no casco de uma tartaruga viva porque acredita que assim ela combinará melhor com o ambiente de sua sala; arquiteta um aparelho que é um misto de instrumento musical e porta-licores para trabalhar o refinamento dos sentidos e é tomado por uma lembrança um tanto quanto cômica: uma crise de dor de dentes, que o colocara no patamar das pessoas “normais” ao sair à procura de um dentista. A cena nos presenteia com o humor de Huysmans, pois é engraçado imaginar o protagonista, que era alguém totalmente excêntrico no vestir e se portar,

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

agindo movido por uma dor, algo que nivela todos os seres humanos à mesma categoria de animais “urrando”: “Agarrado aos braços da poltrona, des Esseintes havia sentido frio na bochecha; depois, seus olhos viram trinta e seis velas e ele se pusera, devido às dores inauditas, a bater com os pés e a berrar feito um bicho sendo assassinado” (Huysmans, 1987, p. 81). Se as 36 velas vistas no momento de torpor causado pela dor equivalem à idade de des Esseintes e o episódio aconteceu há três anos, concluímos que ele mudou-se para Fontenay aos 39. A sinestesia, que estará presente ao longo do romance, aparece já neste capítulo: “...ocorrera a des Esseintes, graças a eruditas experiências, executar na língua melodias silenciosas, mudas marchas fúnebres espetaculosas; ouvir, na boca, solos de menta, duos de ratafia e de rum” (idem, p. 79).

O episódio da ida ao dentista é um toque de Naturalismo dentro da bíblia do Decadentismo. Ou seja, mesmo no intuito de desdizer a antiga corrente literária a que pertencera Huysmans, o romance o fez na contracorrente. O tradutor José Paulo Paes já afirmara na abertura:

Às *Aveças* não deixa de ser um romance naturalista. É-o na medida em que o romancista volta o foco da sua atenção para a patologia da conduta humana, embora cuide de ilustrá-la com o caso de um indivíduo de exceção e não de um grupo social, como os naturalistas ortodoxos (HUYSMANS, 1987, p. 13).

Mesmo o aquário na casa em Fontenay era povoado por peixes e plantas artificiais, e des Esseintes o coloria com essências para que se parecesse com rios de verdade. “...contemplava com curiosidade maravilhosos peixes mecânicos, montados com peças de relojoaria, que passavam diante do vidro da escotilha e se embaraçavam em falsas ervas” (Huysmans, p. 51). A escotilha de que fala o trecho situa-se na sala de jantar do protagonista, que transformou o ambiente em uma cabine de navio, com fidelidade aos utensílios de um ambiente real de cabine. A luz do dia penetrava a cabine através do vidro e da água do aquário.

Ele obtinha assim, sem sair de casa, as sensações rápidas, quase instantâneas, de uma viagem de longo curso, e esse gosto do deslocamento que só existe, em suma, na recordação, quase nunca no presente, no próprio instante em que se efetua (HUYSMANS, 1987, p. 52).

Des Esseintes costumava dizer que a natureza teve sua vez e o cansou pela uniformidade das suas paisagens. Ele acredita que não há nada de grandioso na natureza que a genialidade humana não possa criar:

nenhum luar que cenários inundados de jatos elétricos não reproduzam; nenhuma cascata que a hidráulica não imite se nisso se empenhar; nenhum rochedo que o papelão não assimile; nenhuma flor que tafetás ilusórios e delicados papéis pintados não igualem! (HUYSMANS, 1987, p. 54).

Huysmans teria atribuído a seu herói decadentista alguns traços do dândi parisiense Robert de Montesquiou, que possuía gostos e hábitos singulares entre seus contemporâneos, como os casacos de cores extravagantes. São herança da excentricidade de Montesquiou para *Às Aveças* as paredes cobertas com couro ou tecidos no lugar de papel, e a tartaruga viva com o casco folhado a ouro, que o dândi realmente tivera. Des Esseintes foi mais longe e providenciou que lhe incrustassem pedras preciosas sobre a

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

lâmina dourada. “... as pétalas de cada uma das flores seriam executadas em pedrarias e montadas na própria carapaça do animal” (Huysmans, 1987, p. 74). Mas não poderiam ser quaisquer pedras, pois muitas já estavam acessíveis ao consumo burguês e haviam perdido sua preciosidade aos olhos do protagonista. “entre essas pedras, a safira foi a única que manteve brilhos inviolados pela parvoíce industrial e pecuniária” (p. 74).

Às *Aveças* apresenta alguns pontos em comum com a obra *Satyricon*, de Petrônio, como uma sucessiva descrição de fatos. Assim como o principal expoente do Decadentismo, o clássico da literatura latina escrita por volta de 60 d.C. é uma crítica aos costumes vigentes, então, em Roma, na época do imperador Nero. Des Esseintes considera Petrônio um “observador perspicaz” e faz elogios à obra no capítulo III, que é dedicado à literatura latina da decadência.

É forte no Decadentismo a exploração da questão da androginia, como forma de se posicionar contra os padrões, de chocar. Além disso, a natureza é vista como perversa. Sendo a mulher o ser que reproduz a natureza humana, que perpetua o ciclo da vida e dá à luz a espécie humana, esta adquire caráter negativo e deve ser repudiada. Sendo a raça humana a responsável por todas as mazelas existentes, a mulher, enquanto geradora da vida, é a responsável direta por tudo que há de ruim. No Decadentismo, a mulher seria o oposto do dândi.

Nesse ideário, Salomé é o mito artístico decadente. A figura bíblica que teria encomendado ao imperador Heródes a cabeça do santo João Batista em uma bandeja de prata por puro capricho representa uma sacerdotisa má, sedutora, perversa, ideal e inatingível. A desconstrução da figura feminina romântica, frágil ou maternal encontra representação perfeita na Salomé de duas telas do artista Gustave Moreau. “Ao prover sua enigmática deusa do lótus venerado, o pintor talvez tenha pensado na dançarina, na mulher mortal, no Vaso maculado, causa de todos os pecados e de todos os crimes” (Huysmans, 1987, p. 87). A figura mítica foi citada também por outro representante importante do Decadentismo francês, Jean Lorrain, em *O Senhor de Bougrelon*:

Coifa de beata e casco de samorai, estas pescadoras da ilha Marken são todas pequenas Salomé com os seus saiotos curtos e os seus refulgentes diademas; vermelhas como maçãs e, como se não chegasse, com o bico da mama duro, senhores, e olhos de água salgada (LORRAIN, 2012, p. 63 e 64).

A descrição das obras de arte em *Às Aveças* passam por uma dupla transposição: primeiro da visão do próprio Huysmans, que era crítico de arte. Depois, o que temos é a impressão do narrador sobre o que seria o olhar da personagem, des Esseintes. As transposições de arte são feitas pela técnica descritiva e permitem que o leitor participe da introspecção do protagonista. Longe de mera transposição técnica de quadros, Huysmans insere as descrições no âmbito da História e da visão de mundo de des Esseintes, pois os quadros são descritos a partir do olhar do protagonista. Olhar este que não se confunde com o olhar crítico e distanciado do escritor e crítico Huysmans. A certo ponto de seu isolamento, des Esseintes não suporta a visão de figuras humanas, nem sequer em quadros, mas sonha e deslumbra-se noites a fio diante dos quadros de Salomé, de Moreau.

Um dos traços característicos da segunda metade do século XIX foi o casamento entre pintura e literatura. O artista moderno nascia de um meio livre e não estava sujeito às normas da Academia, ou do Estado. O teórico Joseph Jurt, ao problematizar a questão dos campos literários e artísticos na França no fim do século XIX, explica que a boemia

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

será o lugar onde elaborar-se-ão um modo de pensar e um estilo de vida característicos do artista moderno. A Academia, que durante muito tempo havia controlado todo o âmbito da pintura por intermédio de seu aparelho hierarquizado, perdia sucessivamente seu poder normativo. Desse modo, instituiu-se um campo de concorrência livre para o monopólio da legitimidade artística, no qual ninguém mais poderia se apresentar como detentor absoluto da norma (JURT, 2003, p. 86).

Huysmans, que era também crítico de arte, e outros escritores da época, que já haviam se emancipado há tempos do poder normativo da Academia, defendiam a figura do artista “opositor”, que se recusava a seguir as normas e que fora recusado pela instituição. Quando examinamos a escolha dos pintores citados em *Às Avestas*, percebemos que Huysmans privilegia aqueles com fraco peso institucional e, assim, os promove.

É no capítulo VI que descobrimos a índole perversa de des Esseintes. A partir de suas lembranças, somos informados de duas contribuições de maldade do anti-herói de *Às Avestas* à sociedade parisiense. A primeira delas foi incentivar um amigo recém-casado a ir morar em uma casa circular, cujas paredes eram arredondadas, tendo, para tanto, que empreender grandes investimentos no reformar mobília e mandar fazer móveis que se adaptassem ao ambiente. O amigo gastou o dobro do que o normal e quando a esposa se cansou da rotunda e mudaram-se para um apartamento quadrado, nenhum dos móveis pôde ali adaptar-se. Aos poucos, o incômodo mobiliário tornou-se motivo de querelas entre o casal, cuja vida em comum ia se deteriorando com censuras mútuas. Quando se separaram, des Esseintes vibrou pelo êxito de ter vencido a batalha.

A outra perversidade foi a de haver preparado um assassino. Tendo conhecido nas ruas um jovem rapaz de cerca de dezesseis anos, ofereceu-lhe uma noitada em um bordel para iniciá-lo no prazer de frequentar os prostíbulos, e deixou pago adiantado para que o garoto pudesse voltar, sem despesas, quinzenalmente, por mais três meses. Quando indagado por Mme. Laure, a dona do bordel, se ele agradava o rapaz porque, de fato, preferia os meninos, des Esseintes explica:

Esse rapaz é virgem e chega à idade em que o sangue ferve; poderia correr atrás das meninas do seu bairro, manter-se honesto, contentando-se em desfrutar, em suma, o seu pequeno quinhão da monótona felicidade reservada aos pobres. Ao contrário, com trazê-lo aqui, a um luxo de que ele sequer suspeitava e que se gravará forçosamente na sua memória (...) farei com que se habitue a prazeres que os meios de que dispõe lhe proíbem; (...) e então ele irá roubar a fim de poder voltar aqui; (...) Extremando-se as coisas, ele matará, espero eu, o cavalheiro que aparecer despropositadamente enquanto estiver tentando forçar-lhe a escrivania; então, terei atingido meu propósito e contribuído, na medida dos meus recursos, para criar um malandro, um inimigo a mais desta odiosa sociedade que nos espolia (HUYSMANS, 1987, p. 102 e 103).

Logo que se conhecem, aconselha o rapaz a fazer aos outros o que não quer que façam para si. O trecho é uma dupla contradição ao Naturalismo. Primeiro, porque esta corrente acredita que o nascer em um meio menos privilegiado é o que determina o destino criminoso. E des Esseintes tem certeza de que, sem interferência, o garoto seguirá pelo caminho da honestidade. Além disso, o fato de um caráter poder ser moldado, modificado, também contraria os preceitos da escola. Ao perceber que ainda não havia visto o nome do

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

rapaz nas páginas policiais, chama-o de “pequeno Judas” e sente-se logrado ao pensar que talvez ele tenha tido que haver-se com a justiça depois de seu refúgio em Fontenay.

A passagem serve de inspiração para o expoente do Decadentismo no Brasil, o escritor, jornalista e tradutor das obras dessa corrente literária para o Português, o carioca João do Rio. No conto *Emoções*, parte da coletânea *Dentro da Noite*, o dândi barão Belfort passa o tempo explorando as emoções alheias e incitando criaturas ao vício do jogo. Mas este último, mais piedoso que des Esseintes, chega a lamentar e se assustar quando vê sua vítima fora de controle.

Des Esseintes sempre fora um apaixonado por flores. Mas estava entediado das plantas “vulgares”, que cresciam em vasos molhados nos mercados parisienses. Assim como seu gosto literário e suas preocupações artísticas tinham se refinado, fazendo com que se interessasse somente por obras escolhidas com rigor, “destiladas por cérebros atormentados e sutis” (Huysmans, 1987, p. 119), também aperfeiçoara sua afeição pelas flores. “Ele comparava naturalmente a loja de um horticultor a um microcosmo onde estavam representadas todas as categorias da sociedade” (p. 119). E como tudo cansa e entedia um dândi atormentado pela nevrose, cansou-se também dos tecidos e papéis que imitavam a natureza. “Depois das flores artificiais a imitar as verdadeiras, queria flores naturais que imitassem as falsas”. Visitou estufas nos arredores de sua casa e voltou maravilhado com “as extravagâncias vegetais que tinha visto” e adquirido. Extasiado pelos nomes científicos exóticos, aromas e formatos de seu novo passatempo, estava certo de que havia alcançado seu objetivo: “nenhuma daquelas plantas parecia real; era como se o tecido, o papel, a porcelana, o metal tivessem sido cedidos pelo homem à natureza a fim de permitir a esta criar seus monstros” (p. 125). Acreditava que, quando a natureza não pôde imitar a obra humana, reduzira-se a recopiar as membranas interiores dos animais, suas carnes em decomposição e suas gangrenas. E concluiu:

Tudo não passa de sífilis (...) Desde o começo do mundo, de pai para filho, todas as criaturas transmitiam umas às outras a imperecível herança, a eterna doença que devastou os antepassados do homem, que roeu até os ossos ora exumados de velhos fósseis! (HUYSMANS, 1987, p. 125).

Asfixiado pela atmosfera de plantas encerradas, des Esseintes dorme e é atormentado em pesadelo por um monstro verde e viscoso, a cavalo: era a Grande Sífilis! Sua “mania raciocinante” persistia no pesadelo, e ele soube: o monstro era uma de suas flores.

Des Esseintes decorara o quarto como uma cela de monge, mas com conforto e cercado de obras de arte. A verdade era que sempre havia admirado os religiosos. “Apesar de tudo, só entre os eclesiásticos é que des Esseintes podia esperar travar relações irmanadas até certo ponto com os seus gostos” (p. 249).

imaginava facilmente (...) estar vivendo a cem léguas de Paris, longe do mundo, nos confins de um claustro.

E, no fim de contas, a ilusão era fácil, pois que ele vivia uma existência quase análoga à de um religioso. Desfrutava assim as vantagens da clausura evitando-lhe os inconvenientes (...)

Qual um eremita, estava maduro para o isolamento, estafado da vida, nada mais esperando dela; qual um monge, outrossim, acabrunhava-o uma lassidão imensa, uma necessidade de recolhimento, um desejo de nada mais ter em comum com os profanos, que eram, para ele, os utilitários e os imbecis.

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

... conquanto não experimentasse nenhuma vocação para o estado de graça, sentia genuína simpatia por essas pessoas enclausuradas em mosteiros (HUYSMAN, 1987, p. 97 e 98).

Essa simpatia pela igreja, mais precisamente pelo acervo de obras de arte reunido pela igreja ao longo dos séculos, era também do escritor Huysmans, que acabou se convertendo ao catolicismo e indo viver recluso em um claustro, de onde refletiu sobre *Às Avestas* e escreveu o prefácio do romance, duas décadas após sua publicação.

Mas a saga de des Esseintes em se refugiar na morada perfeita não alivia seus males de saúde. Ele acaba sendo advertido por um médico a voltar a morar em Paris, para dar início a um tratamento clínico, e assim precisa retornar à sociedade que tanto despreza e culpa pela sua deterioração física e psíquica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever *Às Avestas* sem um esquema pré-definido, Huysmans dá origem à “escrita automática” dos surrealistas. E essa dá origem ao recurso denominado “fluxo de consciência”, desenvolvido por autores como James Joyce, Proust e Virgínia Woolf. Sobre o tom não planejado e sobre a organização capitular, o tradutor Paes assinala:

A intromissão sistemática da erudição, em prejuízo da intriga, se deixa ver no tom por assim dizer eminentemente ensaístico de *Às Avestas*. Cada um dos seus capítulos é uma monografia acerca de assuntos tão variados quanto à psicologia das cores, a filosofia do mobiliário, a literatura latina, as pedras preciosas, as flores exóticas, a semiótica dos perfumes, a literatura francesa moderna, a música religiosa, etc. Prepondera aí o registro descritivo, pontilhado de reflexões do protagonista... (HUYSMANS, 1987, p. 21).

Às Avestas pode ser pensado como um catálogo de sensações e obras de arte, sendo que muitos capítulos seriam desenvolvidos pelo escritor em suas obras posteriores. “todos os romances que escrevi desde *Às Avestas* estão contidos em germe nesse livro. Seus capítulos não são, com efeito, mais do que pontos de partida dos volumes que se lhe seguiram” (Huysmans, 1987, p. 261), informa o autor no prefácio escrito vinte anos depois da publicação que suscitou “estupor e cólera”.

Ao longo do romance, não há elementos que caracterizem o momento em que se passam os fatos. Apenas indicações indiretas da passagem do tempo pela mudança das estações. Não se pode determinar a duração da experiência da morada de des Esseintes em Fontenay, mas presume-se que foi de alguns anos. A ação é praticamente inexistente, acontecendo quase que exclusivamente nas lembranças do protagonista, que quase não interage com ninguém, a não ser com as obras de arte. A narrativa desenvolve-se em contrariedade com o modo tradicional, pois não há intrigas, clímax ou desenlace. É uma narrativa em que nada acontece, num romance sobre coisa alguma. E ainda assim é um romance repleto de significados, que causa estranhamento e provoca o leitor 130 anos após seu lançamento. E uma narrativa presa às reminiscências da personagem era um formato profundamente moderno para a época.

No prefácio, Huysmans reflete sobre o Naturalismo, cujo mérito fora “situar personagens reais em ambientes exatos”, mas que estava fadada a tornar-se repetitiva, pois não admitia, de modo algum, a exceção. O próprio Huysmans definiu *Às Avestas* como

DECADENTISMO FIM DE SÉCULO EM ÀS AVESSAS

um romance que buscou o novo a qualquer preço. E Paes concluí: “Mesmo que esse preço fosse a nevrose, o tédio e a decadência, três valores negativos na escala do bom senso burguês, mas tornados positivos por Huysmans numa irrepetível equação às avessas” (Huysmans, 1987, p. 28).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUYSMANS, J. K. **Às Aversas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JURT, Joseph. **Campo literário e campo artístico na França (1880 – 1900)**. In: Revista Terceira Margem. “Literatura e outras artes”, tradução André Soares Vieira, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, UFRJ, Ano VII, n.8, 2003.

LORRAIN, Jean. **O Senhor de Bougrelon**. Lisboa: Sistema Solar, 2012.

RIO, João do. **Dentro da noite**. São Paulo: Antíqua, 2002.

WEBER, Eugen. **França Fin-de-siècle**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DECADENTISM ENDING-CENTURY IN ÀS AVESSAS

ABSTRACT

Às Avezas, novel by Huysmans of 1884, was considered the bible of French Decadentism, literary trend against Naturalism and bourgeoisie. The novel's aim was shock and counteract all existing order, both in life and art. Thus, Huysmans dipped into an innovative narrative and created a protagonist, des Esseintes, with refined and unusual tastes, and follower of synesthetic experimentation, a perfect Parisian dandy spotted by neurosis and spleen.

KEYWORDS: Decadentism; dandy; neurosis; spleen.

Recebido em 19 de outubro de 2014; aprovado em 20 de dezembro de 2014.